UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO

PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM FORMAÇÃO DOCENTE PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA

ELIGIONEIDE ALVES PEREIRA

O ENSINO DA LEITURA NA ESCOLA: OLHARES SOBRE A PRÁTICA NOS ANOS INICIAIS

CAJAZEIRAS – PB

2025

ELIGIONEIDE ALVES PEREIRA

O ENSINO DA LEITURA NA ESCOLA: OLHARES SOBRE A PRÁTICA NOS ANOS INICIAIS

Monografia apresentada ao Curso de Pós Graduação *Lato Sensu* em Formação Docente para a Educação Básica da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção do título de Especialista

Orientadora: Profa. Dra. Rozilene Lopes de Sousa Alves.

CAJAZEIRAS - PB

2025

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação-(CIP)

P436e Pereira, Eligioneide Alves.
O ensino da leitura na escola: olhares sobre a prática nos anos iniciais / Eligioneide Alves Pereira. – Cajazeiras, 2025.
45f.
Referências.

Orientador (a): Profa. Dra. Rozilene Lopes de Sousa Alves.
Monografia (Especialização em Formação Docente para a Educação Básica) UFCG/CFP, 2025.

1.Ensino de leitura. 2. Escola e leitura - séries iniciais. 3.Prática Pedagógica. 4. Escola municipal - Carrapateira- Paraíba. 5. Revisão de literatura. 6. Leitura - prática de ensino. I. Alves, Rozilene Lopes de Sousa. II. Título.

UFCG/CFP/BS CDU - 028.6

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço- CRB -15/046

ELIGIONEIDE ALVES PEREIRA

O ENSINO DA LEITURA NA ESCOLA: OLHARES SOBRE A PRÁTICA NOS ANOS INICIAIS

Monografia apresentada ao Curso de Pós Graduação *Lato Sensu* em Formação Docente para a Educação Básica da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção do título de Especialista.

Aprovada em: 01 / 12 / 2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
gov.br
ROZILENE LOPES DE SOUSA ALVES
Data: 06/12/2025 16:09:42-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof.ª Dr.ª Rozilene Lopes de Sousa Alves (UAE/CFP/UFCG)
Orientadora

Documento assinado digitalmente
gov.br
ALINE ABRANTES BATISTA LINS
Data: 09/12/2025 22:48:53-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Aline Abrantes Batista Lins
Examinadora Titular (SME/BERNADINO BATISTA)

Documento assinado digitalmente
gov.br
BELIJANE MARQUES FEITOSA
Data: 09/12/2025 07:48:51-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Belijane Marques Feitosa
Examinador Titular (UAE/CFP/UFCG)

CAJAZEIRAS-PB
2025

A Deus

Que me deu forças durante toda a minha caminhada, iluminando-me na luta pela concretização dos meus ideais.

DEDICO!

AGRADECIMENTOS

A minha família

Que não mediu esforços para me encorajar nas horas difíceis dessa jornada.

Aos mestres

Grandes colaboradores, os quais tão bem souberam transmitir o aprendizado que foi de muita valia para a elaboração deste trabalho.

Aos amigos de curso

Pela ajuda, pois se não fosse seus apoios não teria chegado à conclusão desse curso com tanta informação e afetividade.

O processo de leitura possibilita essa operação maravilhosa que é o encontro do que está dentro do livro com o que está guardado na nossa cabeça.

Ruth Rocha

RESUMO

A leitura representa um fator fundamental para o desenvolvimento de uma prática pedagógica de qualidade por ser um processo que permite ao sujeito compreender a sua realidade**.** O estudo da temática o ensino da leitura na escola: olhares sobre a prática nos anos iniciais teve como objetivo analisar as práticas de leitura adotadas pelas professoras dos Anos Iniciais, através de entrevistas estruturadas a fim de entender as práticas e desafios enfrentados pelos professores no ensino de leitura na escola e como objetivos específicos discorrer sobre as concepções de leitura e apresentar a constituição da leitura como prática social. Para a pesquisa contamos com as contribuições de alguns autores como Martins (2006), Foucambert (1994), Chartier (1996) e Freire (2011) que defende a leitura como prática social e cultural, não apenas como decodificação, mas como um processo ativo em que o leitor interpreta, atribui significados e frequentemente transforma o espaço em que vivem. Quanto aos procedimentos adotados neste estudo, consiste num levantamento bibliográfico, a partir da leitura e fichamento de textos em livros, revistas, periódicos, artigos e meios eletrônicos, e uma pesquisa de campo desenvolvida nas escolas Municipais de Ensino Fundamental da cidade de Carrapateira. Os resultados indicam que o ensino da leitura se torna eficiente quando o educador emprega uma variedade de recursos e estratégias integradas, que incentivam o prazer pela leitura, fomentam a participação ativa e atendem aos diversos estilos e ritmos de aprendizagem dos estudantes.

Palavras-Chaves: Ensino de leitura. Anos Iniciais. Prática Pedagógica.

ABSTRACT

Reading represents a fundamental factor for the development of quality pedagogical practices, as it is a process that allows individuals to understand their reality. The study, "Teaching Reading in Schools: Perspectives on Practice in the Early Years," aimed to analyze the reading practices adopted by Early Years teachers through structured interviews. The aim of this study was to understand the practices and challenges faced by teachers in teaching reading in schools and as specific objectives to discuss the conceptions of reading and to present the constitution of reading as a social practice. For this research, we relied on the contributions of authors such as Martins (2006), Foucambert (1994), Chartier (1996), and Freire (2011). Freire argues that reading is a social and cultural practice, not simply as decoding but as an active process in which readers interpret, assign meaning, and often transform the space in which they live. The procedures adopted in this study consist of a bibliographic survey, based on reading and analyzing texts in books, magazines, periodicals, articles, and electronic media, and field research conducted in municipal elementary schools in the city of Carrapateira. The results indicate that reading instruction becomes effective when educators employ a variety of integrated resources and strategies that encourage the enjoyment of reading, foster active participation, and accommodate students' diverse learning styles and paces.

Keywords: Reading Instruction. Early Years. Pedagogical Practice.

SUMÁRIO

1INTRODUÇÃO 9
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 11

2.1 CONCEITUANDO A LEITURA 11
2.2 A CONSTITUIÇÃO DA LEITURA COMO PRÁTICA SOCIAL 15
2.3 POSSIBILIDADES DE TRABALHO COM A LEITURA NA ESCOLA 17

3 A ESCOLA E A LEITURA: OLHARES SOBRE A MEDIAÇÃO 21

4 PERCURSO METODOLÓGICO 27
4.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA 27
4.1.1 QUANTO AOS PROCEDIMENTOS 27
4.1.2 QUANTO A ABORDAGEM 27
4.2 LOCAL E SUJEITOS DA PESQUISA 28

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES 29
5.1 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO DE LEITURA 29
5.2 PRINCIPAIS DESAFIOS ENFRENTADOS PARA O ENSINO DE LEITURA 32
5.3 RECURSOS UTILIZADOS PARA O ENSINO DA LEITURA 34
5.4 AVALIAÇÃO DA COMPREENSÃO LEITORA DOS ALUNOS 36

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 35
REFERÊNCIAS 41
APÊNDICES 43

1 INTRODUÇÃO

A leitura nos primeiros anos não se limita à decodificação de letras e palavras; é uma prática social, cultural e mental que permite à criança compreender melhor o ambiente em que está inserida. Embora a leitura envolva habilidades técnicas, ela se apoia nas experiências sensoriais e nos conhecimentos prévios que a criança já traz, possibilitando reflexões e questionamentos por diferentes perspectivas. Desse modo, a leitura se configura como parte essencial da formação do indivíduo, articulando compreensão de textos e saberes prévios para favorecer competências e autonomia na interação com o mundo.

Na prática educativa, as atividades de leitura nos anos iniciais devem contemplar diferentes modalidades de textos (histórias, poesias, rimas, reportagens, instruções, mensagens) para que a criança perceba o papel social de cada gênero. Contar histórias, analisar ilustrações, trabalhar em grupos de leitura e discutir textos são estratégias que enriquecem o conhecimento cultural e linguístico dos alunos.

No aspecto cognitivo, a prática da leitura promove o avanço do raciocínio crítico, da criatividade e da habilidade interpretativa. Segundo Paulo Freire (2011), a ideia de que "a interpretação do mundo vem antes da interpretação da palavra" indica que a vivência de situações diárias prepara o terreno para o aprendizado da leitura formal.

A ideia de leitura não deveria ser restrita às letras, mas sim a todas as nossas interpretações do que acontece ao nosso redor, pois estas condições exteriores ou objetivas influem diretamente nas nossas condições interiores ou subjetivas e esta segunda condição é a que define a forma que interpretaremos tanto o mundo quanto os textos escritos (MARTINS, 2006).

Os tipos de leituras são momentos em que nos deparamos com cada contexto ou expressão do que estamos lendo e aprendendo. Assim sendo, a leitura pode ser ouvida, vista ou falada. Um texto escrito pode ser decifrado e decodificado por alguém que traduz o escrito numa fala. Esse tipo de leitura ocorre mais comumente nos primeiros anos de escola, no trabalho de certos profissionais, e em raras situações para a maioria das pessoas. Em geral não lemos em

voz alta, fora da escola. E, quando algumas pessoas são solicitadas a ler, envergonham-se, dão desculpas dizendo que não sabem ler direito etc. Isso porque a leitura oral, falada, é vista, em geral, devido aos preconceitos linguísticos da sociedade, como a realização plena do dialeto-padrão no seu nível mais formal (MARTINS, 2006).

Na sociedade letrada a leitura é uma aquisição necessária a todos os indivíduos, para que possam tornar-se verdadeiros cidadãos sociais. Portanto, é um instrumento de acesso à cultura e à realidade social de grande importância no desenvolvimento do ser humano.

O trabalho parte do Problema de Pesquisa: Quais as práticas e desafios enfrentados pelos professores no ensino de leitura na escola? Nessa perspectiva, o objetivo geral deste trabalho é investigar as práticas e desafios enfrentados pelos professores no ensino de leitura na escola. E como objetivos específicos discutir as concepções de leitura e apresentar a constituição da leitura como prática social

Portanto, situar as práticas de leitura nesse momento implica reconhecê-las como atividades em constante evolução, que conectam a instrução da língua, as experiências sociais e a construção de significados. Nesse cenário, o educador atua como mediador, proporcionando experiências de leitura relevantes e prazerosas, que estimulem o interesse pela leitura e fortaleçam as bases para aprendizagens futuras.

Nessa perspectiva, na primeira seção discute-se a importância da leitura no processo de ensino e aprendizagem dos sujeitos. A segunda seção apresenta os procedimentos metodológicos da pesquisa, sua caracterização quanto aos procedimentos e abordagem, o local da pesquisa e os sujeitos. Em seguida, serão explanadas a análise e interpretação dos resultados, apresentando a concepção dos professores acerca do processo de leitura e um olhar crítico e reflexivo sobre as discussões levantadas em todas as etapas deste trabalho. Por fim, as considerações finais, apresenta-se reflexões e aponta caminhos para o desenvolvimento da leitura nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 CONCEITUANDO A LEITURA

Na trajetória dos estudos sobre leitura encontramos diversas concepções, algumas que comungam entre si e outras que divergem completamente. Martins (1994, p.23) coloca que "[...] ler significa inteirar-se do mundo sendo também uma forma de conquistar autonomia, de deixar de 'ler pelos olhos de outrem'". Segundo essa concepção, a leitura é emancipatória, é através dela que passamos a perceber o mundo por nós mesmos, podendo inclusive intervir para transformá-lo, já que é através da leitura que compreendemos melhor as coisas que nos cercam.

Assim, as concepções de leitura supracitadas apontam uma distância considerável entre um e outro. O processo de aquisição da leitura como um ato mecânico desprovido de significado é incompleto, perde o seu sentido quando desarticula o saber da realidade do aprendiz e subestima suas capacidades, seus sentidos, podando as oportunidades de criatividade, de formulação de hipóteses e de construção de um processo de leitura real com significado e utilidade social.

As concepções que se enquadram no segundo grupo demonstram um entendimento amplo e compreendem o aprendiz em seu todo, com desafios e oportunidades que exigem um esforço natural de compreensão do mundo nos seus mais variados aspectos. Aqui nós encontramos um processo que se constrói passo a passo e que objetiva a criticidade e a autonomia de quem aprende sabendo o que e por que está aprendendo.

A leitura é um processo de construção ativa de sentido e uma pratica social que tem fundamental importância em toda a sociedade letrada. Por esse motivo, a escola deve ter como finalidade formar leitores competentes, capazes de agir ativamente no processo de interpretação de um texto e de usar socialmente a leitura.

O tipo de contato que o aluno estabelece com o material escrito é fator determinante para a sua formação de leitor. Por isso, ressaltamos a casa como o primeiro ambiente a despertar as crianças para a leitura. Essa tarefa, entretanto, não deve ser transferida para a escola tão logo essas crianças ingressem na vida escolar. O apoio familiar à leitura deve ser permanente.

Com uma concepção mais profunda e respaldada na teia das relações sociais em que o individuo está necessariamente envolvido. Assim, Soares (1998, p. 16) afirma que "a leitura é

a interação verbal entre indivíduos, indivíduos socialmente determinados: o leitor, seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e os outros".

Por essa visão, entendemos que a leitura não é um ato solitário e isolado dos problemas sociais. Sendo assim, a relação do leitor com o texto não acontece de forma linear. Na leitura o texto escrito está pronto, mas não os seus sentidos, nele estão apenas os elementos explícitos que o aluno vai decodificar, atribuindo, pela leitura, significados e sentidos. Também há elementos implícitos que dependem do individuo, de referências, pistas, índices pinçados no texto e que perpassam sua vivência, o lugar social que ocupa ligado à sua experiência individual e à relação que ele, como leitor, estabelece com o outro e com o mundo.

Numa perspectiva mais ampla ancorada na possibilidade de o próprio leitor ser capaz de se inserir no mundo da leitura na busca de respostas para suas próprias necessidades, Foucambert (1994, p. 5) afirma que: "significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é o ato de ler, em qualquer caso, é o meio de interrogar a escrita e não tolera a amputação de nenhum de seus aspectos".

Compreendemos então que a leitura parte de uma relação natural do leitor com o texto buscando uma interação que responda às suas necessidades mais imediatas no sentido de compreender determinado fato, de interpretar determinada mensagem, ampliando assim, seus conhecimentos e estabelecendo uma relação de entrosamento e satisfação.

O ato de ler não deve ser mecânico, mas deve ir além, transcender os limites reais, perpassar pelo imaginário, estabelecer relações com os conhecimentos que já temos e assim, chegarmos a uma leitura do nosso jeito, complementada com as nossas experiências de vida e intensificada e lapidada com as informações colhidas nos textos escritos. Esse intercâmbio promove o entusiasmo pela leitura, pela descoberta. É isso que caracteriza a formação de um leitor que sente prazer em ler.

Dessa forma, concordamos com Freire (2011, p. 8) quando afirma:

> A leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo. E aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de qualquer coisa, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade.

Antes mesmo de ler palavras e frases, o leitor já está lendo bem ou mal o mundo que o cerca, ou melhor, está inserido num processo que envolve uma compreensão crítica do ato de ler. Fato este, que ocorre bem antes da criança ir para a escola. Dessa forma, concordamos com Bamberger (1991, p. 92) quando afirma que "A leitura é um processo constante, que começa

no lar, aperfeiçoa-se sistematicamente na escola e continua pela a vida a fora, através das influencias da atmosfera cultural e dos esforços conscientes da educação".

A leitura deve desenvolver principalmente a capacidade de percepção crítica, buscando a compreensão da realidade, questionando o que se deve ou se pode mudar, visto que o processo de leitura envolve todos os componentes políticos e socioculturais do leitor.

Compreendemos ainda, que a leitura apresenta-se como requisito necessário à realidade sócio-cultural do aluno e um instrumento de conscientização e transformação das estruturas de comunicação sociais e políticas.

Diante disso, Dias (2001, 42-43) enfatiza:

> Aprender a ler é um ato complexo, pois sua compreensão envolve vários eixos que incluem: o encontro de um leitor com o material escrito, a partir das estimulações do grupo social a que esse leitor pertence, das interações entre indivíduos e entre cada indivíduo e a coletividade.

Assim, para um bom desenvolvimento das práticas de leitura é essencial enfocarmos no processo de ensino da leitura trabalhos interdisciplinares, objetivando vivenciar nas diversas áreas do conhecimento subsídios que possam aflorar a expressão artística dos alunos, nas artes literárias (contos, poesia, dissertação, revista, cordel) no teatro, na dança, na música, entre outros, que se incorpore a leitura no cotidiano escolar, valorizando suas produções culturais, fruto de uma pesquisa instigante e prazerosa.

Pérez e Sacristán (2002, p. 47), consideram que:

> A escola é a instituição encarregada de oferecer o conhecimento público como ferramenta inestimável de análise para que cada aluno a questione, e reconstrua suas pré-concepções, seus interesses e atitudes, assim como as pautas de condutas introduzidas pelo contexto de seus intercâmbios e relações sociais.

Deste modo, a prática da leitura na escola apresenta-se como um requisito necessário à realidade sócio-cultural do aluno, mecanismo suficiente para possibilitar a reflexão e para responder às questões que os indivíduos necessitam para se compreender e compreender a realidade e, conseqüentemente, para fazer emergir uma transformação coletiva.

Segundo Martins (2006), a leitura começa a fazer parte da nossa vida a partir dos primeiros anos de vida, começamos a compreender tudo que está ao nosso redor fazendo ima leitura de mundo, tratando de um aprendizado mais natural. Estudiosos da área revelam que

aprendemos a ler apesar dos professores, isso quer dizer que muitas vezes propostas uniformizadas chegam a causar confusão no processo de leitura de um indivíduo e, contudo, aprendemos a ler com a junção de todos esses fatores, como as condições de vida em nível pessoal e social. Entretanto alguns fatores podem dificultar a leitura, tais como: carência de convívio humano, relações sociais, condições de sobrevivência material e cultural precárias.

Martins (2006) concebe a leitura sob duas perspectivas: Como decodificação mecânica de signos linguísticos, por meio do aprendizado estabelecido, a partir do condicionamento estimulo respostas, estas características deixam claro que é um aprendizado tradicionalista.

Como processo de compreensão abrangente cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, tanto quanto culturais, econômicos e políticos. Esta concepção é mais abrangente onde envolve vários contextos no processo de um ensino mais amplo dando condições de aprendizagem que vai muito além da decodificação, onde os alunos podem ler, pensar e se expressar de forma mais aberta e segura.

Considerando a perspectiva cognitiva sociológica de leitura, a autora afirma que "A leitura se realiza a partir do diálogo com o objeto lido" (MARTINS, 2006, p.33).

Dessa forma, Martins (2006) diz que existem três níveis de leitura: a sensorial, emocional e a racional.

A leitura de nível sensorial é forma de se transmitir uma sensação, envolvendo assim o leitor. O tato, a visão e o olfato fornecem a resposta mais imediata às exigências e ofertas do mundo, provocando prazer ou rejeição. Não se trata de uma leitura elaborada; é antes uma resposta imediata às exigências e ofertas que esse mundo apresenta; relaciona-se com as primeiras escolhas e motiva as primeiras revelações. Essa leitura sensorial começa, muito cedo e nos acompanha por toda vida. Não importa se mais ou menos minuciosa e simultânea à leitura emocional e racional.

Já o nível emocional, faz com que o leitor se envolva nos sentimentos como sofrimentos e alegria. É o que menos admitimos e de onde vem nossa empatia com o texto e o nível racional faz com que o leitor mostre sua capacidade de após a leitura fazer uma avaliação crítica. A racionalização é a considerada correta pelos letrados ou intelectuais e as emoções são consideradas evasão. A leitura emocional, ela lida com os sentimentos, o que necessariamente implicaria falta de objetividade, e o subjetivismo. No terreno das emoções as coisas ficam ininteligíveis, escapam ao controle do leitor, que se vê envolvido por verdadeiras armadilhas trançadas no seu inconsciente.

A leitura racional com caráter altamente reflexivo é permanentemente atualizada, acrescentada a leitura sensorial e a emocional, estabelece uma sintonia entre o leitor e o

conhecimento, a reflexão e a reordenação do mundo objetivo, possibilitando-lhe no ato de ler, atribuir significados ao texto e questionar tanto a própria individualidade como o universo das relações sociais, ou seja, perceber os indícios textuais.

Os indícios textuais são, pois, pequenas unidades de sentido que estabelecem pistas verdadeiras para o leitor compreender o objeto lido em seu todo. Mesmo o texto não sendo tão explicito, é estabelecido uma curiosidade de desvendar o verdadeiro sentido no texto, como espécie de jogo que torna o leitor com mais estímulos para novas descobertas, efetivando assim a leitura.

Os níveis de leitura estão interrelacionados, sendo um ou outro privilegiado dependendo do contexto. Não há uma hierarquia e, sim, uma tendência de a leitura sensorial anteceder a emocional e a esta se suceder a racional que se relaciona com o processo de um amadurecimento do homem. “Creio mesmo ser muito difícil realizarmos uma leitura apenas sensorial, emocional ou racional. ” (MARTINS, 2006, p.37).

2.2 A CONSTITUIÇÃO DA LEITURA COMO PRÁTICA SOCIAL

No início dos tempos, o homem narrava os acontecimentos oralmente, passando de geração em geração, estes mesmos acontecimentos chegam até os dias atuais transformados por esses narradores, que passam a transcrever as mensagens para que estas não se perdessem ao logo do tempo, além disso, começou-se a registrar suas histórias através de registros pictográficos nas rochas. Mais tarde, o homem começa a registrar os acontecimentos em outros tipos de materiais como placas de argila, entre outros.

Porém os homens primitivos registravam através de pinturas na parede, a sua vida, as suas ações, todos os fatos que estavam interessados em conservá-los. A partir do momento que se desenvolveu a escrita esta passou a ser a forma predominante de registro, tendo chegado até nós diversos tipos de registros escritos em diferentes tipos de materiais, porém toda a transmissão de conhecimento, inicialmente se fazia de uma forma oral e quando isso acontece certamente sempre apresentará conteúdos alterados.

Seguindo os estudos de Michel de Certeau (1994) e Roger Chartier (1996), defendo a leitura como prática social, como atividade de sujeitos que revela maneiras de conceber o texto escrito e modos de com ele se relacionar, próprios de cada época, determinados pelos próprios sujeitos sociais, pelos gêneros “da moda”, pelos suportes que veiculam esses textos.

Os autores citados acima compreendem que a leitura não é apenas juntar letras ou palavras, mas uma prática social que se transforma ao longo do tempo e das variações culturais. Assim, cada leitor aborda o ato de ler de forma única, levando em consideração sua experiência de vida, do momento histórico e dos tipos de textos que circulam naquela época. Portanto a leitura não é passiva, mas um processo ativo em que o leitor interpreta, atribui significados e frequentemente, transforma o texto original.

Para Cagliari, (1992, p. 150). A leitura é, pois, uma decifração e uma decodificação. O leitor deverá em primeiro lugar decifrar a escrita, depois entender a linguagem encontrada, em seguida decodificar todas as implicantes que o texto tem e, finalmente, refletir sobre isso e formar o próprio conhecimento e opinião a respeito do que leu. A leitura sem decifração não funciona adequadamente, assim como sem a decodificação e demais componentes a interpretação, se tornam estéril e sem grandes interesses.

Esta perspectiva é ampliada a partir das ideias de Freire (2011), que argumenta que a compreensão do mundo vem antes da interpretação da palavra. Isso implica que ler não é meramente uma atividade técnica, mas que também possui uma dimensão crítica, onde o leitor conecta o texto às suas experiências e à realidade social. Seguindo essa linha, Certeau (1994) vê a leitura como um ato de apropriação, no qual cadaleitor transforma o significado dotexto, gerando interpretações distin tas de acordo com seu contexto. Chartier (1996) também adiciona a esta discussão ao afirmar que a leitura é sempre histórica e multifacetada, influenciada pelos meios, pelos gêneros disponíveis e pelas condições sociais de cada época.

Dessa forma, ao conectar essas ideias, percebe-se que a leitura deve ser vista como um processo ativo e envolvente, que inclui aspectos técnicos, como a compreensão e a interpretação, além de elementos sociais, culturais e analíticos. Sem a compreensão, a leitura não acontece de forma apropriada; no entanto, sem a interpretação e a análise, ela pode se tornar infrutífera e sem sentido, diminuindo sua capacidade de desenvolver leitores críticos e engajados com o mundo e a linguagem.

A partir do momento que se desenvolveu a escrita esta passou a ser a forma predominante de registro, tendo chegado até nós diversos tipos de registros escritos em diferentes tipos de materiais, porém toda a transmissão de conhecimento, inicialmente se fazia de uma forma oral e quando isso acontece certamente sempre apresentará conteúdos alterados.

Qualquer atividade de desenvolvimento exige que usemos a linguagem oral, porém, a linguagem escrita é a que apresenta um grau maior de complexidade, e o desenvolvimento da linguagem implica que o sujeito viva e se desenvolva num meio linguístico e segundo Rebelo

(1993, p. 25), “a fase em que o bebê desenvolve anatômica, neurofisiológica, cognitiva e socialmente produz formas linguísticas próprias, não convencionais para o grupo linguístico a que pertence”, e é esse período do desenvolvimento da criança é especialmente estimulada pelo ambiente em que vive, adquirindo então as competências básicas da língua, sendo também nesse período que algumas dificuldades de aprendizagem são referenciadas pelos professores, já que o desenvolvimento cognitivo do aluno vai se manifestar de uma forma ou de outra através da aquisição mais lenta ou mais rápida daquilo que é transmitido dentro da sala de aula.

Para Solé (1998, p. 116), o processo de leitura deve garantir que o leitor compreenda os diversos textos que se propõem a ler. É um processo interno, porém deve ser ensinado. Uma primeira condição para aprender é que os alunos possam ver e entender como faz o professor para elaborar uma interpretação de texto: quais suas expectativas, que perguntas formula, que dúvidas surgem, como chega à conclusão do que é fundamental para os objetivos que o guiam, que elementos toma ou não do texto, o que aprendeu e o que ainda tem de aprender.

Ler é um processo que envolve muito mais do que decifrar palavras; é um ato de compreensão, reflexão e construção de significado. Com essa perspectiva, compreendemos que a leitura exige reflexão, formulação de hipóteses, questionamento e busca de respostas no texto, além de relacionar o conteúdo com seus próprios saberes e vivências. No entanto, Solé enfatiza que, embora esse processo seja interno, ele precisa ser ensinado. Em outras palavras, o estudante aprende a ler e a entender melhor quando o docente demonstra como faz: como interpreta, questiona, chega a conclusões e identifica o que é fundamental.

Assim, compreendemos que a leitura é um processo orientado, no qual pode observar e assimilar o modelo de leitura do docente, aprimorando progressivamente sua independência como leitor. Ao assimilar as estratégias empregadas pelo professor, o aluno começa a incorporá-las em suas próprias leituras, tornando-se mais crítico, reflexivo e apto a compreender diversos tipos de textos. Dessa forma, o aluno é um participante ativo nesse processo: ele observa, experimenta, comete erros, reflete e melhora constantemente sua habilidade de compreensão do que lê.

2.3 POSSIBILIDADES DE TRABALHO COM A LEITURA NA ESCOLA

Nas sociedades letradas, as crianças, desde os primeiros meses estão em permanente contato com a linguagem escrita. É por meio desse contato diversificado em seu ambiente social que as crianças descobrem o aspecto funcional da comunicação escrita, desenvolvendo interesse e curiosidade por essa linguagem (BRASIL, 1997).

O ato da leitura é um ato cultural e social. Quando o professor faz uma seleção prévia da história que irá contar para as crianças, independentemente da sua idade, dando atenção para a inteligibilidade e riqueza do texto, para a nitidez e beleza das ilustrações ele permite às crianças construírem um sentimento de curiosidade pelo livro (ou revista, gibi etc.) e pela escrita (BRASIL, 1997).

De acordo com Carvalho (1999), da escola primária à Universidade, professores se queixam de que a maioria dos alunos lê mal e não sabe usar livros para estudar. Os pais, educadores e editores lamentam que o gosto pela leitura esteja desaparecendo.

É necessário mostrar aos alunos que o que se aprende se obtém com a leitura, portanto, é preciso motivá-los, mas isso só será possível por meio de atividades que os envolvam de acordo com a sua realidade, levando em consideração os aspectos culturais e sociais através de atividades que os levem a compreender o contexto desde a Educação Infantil, caso contrário, muitos continuarão pensando que a leitura é uma tarefa difícil e inútil.

Ler não é decifrar palavras. A leitura é um processo em que o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto apoiando-se em diferentes estratégias, como seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor e de tudo o que sabe sobre a linguagem escrita e o gênero em questão (BRASIL, 1997, p. 144 e 145).

Nesse aspecto pode-se afirmar que a leitura nos leva a um mundo diferente considerando que a leitura de histórias é uma rica fonte de aprendizagem de novos vocabulários.

Algumas vezes, o termo “ambiente alfabetizador” tem sido confundido com a imagem de uma sala com paredes cobertas de textos expostos e, às vezes, até com etiquetas nomeando móveis e objetos, como se esta fosse uma forma eficiente de expor as crianças à escrita (BRASIL, 1997, p. 151).

O ambiente alfabetizador não é apenas uma sala com textos variados e sim a participação do professor nos quais a leitura e a escrita sejam consideradas, trazendo para o cotidiano dos alunos novas formas de interação com a linguagem.

A maioria dos alunos brasileiros dos ensinos fundamental e médio demonstra grande dificuldade na leitura compreensiva. Para os educadores, parece óbvio que ensinar a ler e a escrever é o foco de atuação central da escola, mas percebe-se que a maioria das escolas não está conseguindo cumprir esse objetivo.

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto e sobre o autor. As crianças que vivem em um ambiente de letramento têm grande contato com a linguagem elas aprendem a falar, não consiste apenas em memorizar sons e palavras.

Aprender a ler não é somente uma das maiores experiências da vida, é uma vivência única para todo o ser humano. Ao dominar a leitura, abrimos a possibilidade de adquirir conhecimentos, desenvolver raciocínios, participar ativamente da vida social, alargar visão de mundo, do autor e de si mesmo. “A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele”. (Martins, 1985; p. 10)

A autora ressalta que a leitura pode ser exercida de diversas formas por meio da observação e da imaginação que está conosco e nos acompanha no nosso desenvolvimento até a nossa formação, durante toda a nossa vida praticamos a leitura, ela deve ser realizada de acordo com a realidade vivida por cada pessoa, por que ela civiliza e humaniza o homem. Pode se fazer uma leitura do mundo, observando-se os acontecimentos e os fatos e a partir deles fazer reflexões e criar argumentos.

É um processo lento que acontece por etapas: conhecemos as letras, juntamos e formamos as sílabas e as palavras. A partir da dinâmica de aprender a ler vamos dando sentido a vida, conhecendo e descobrindo o que seria a leitura do mundo, da sociedade onde vivemos, da natureza que o homem vem modificando e transformando para suprir suas necessidades. A leitura possibilita ao homem uma visão de mundo ampliada, mostrando quais são suas oportunidades, fazendo com que ele se torne um cidadão ético e compreensivo.

Luiz Carlos Cagliari (1992) refere que a escola dá muito mais ênfase a escrita do que a leitura. Desde o início da escolarização percebemos a realidade, a quantidade de tarefa que se relaciona com a escrita é muito maior do que a que se relaciona com a prática da leitura. Isso se deve ao fato de a escola saber avaliar mais facilmente os acertos e erros da escrita e não saber muito bem o que o aluno faz quando ele lê em silêncio.

Ler, principalmente nos primeiros anos da escola é uma atividade tão importante quanto à produção espontânea de textos. Seria bom que a escola se preocupasse menos com a escrita, especialmente com a ortografia e desse uma maior ênfase à leitura, desde a alfabetização.

Uma criança que aprende a ler toma velocidade no aprendizado da primeira série. Um aluno que não lê, aprenderá o resto com dificuldade e pode passar a ter uma relação delicada com a escrita, não entendendo muito bem o que esta é e como funciona. O objetivo da escrita é a leitura, mas quem vai escrever só é capaz de fazê-lo se souber ler o que escreveu. Portanto, a leitura é uma habilidade que precede a própria escrita.

> A leitura é uma prática básica essencial para aprender. Equipamento algum a substitui, mesmo numa época em que se proliferam os recursos audiovisuais e as máquinas de mecanismo de ensinar, em que a informática impõe com todo seu poder econômico e processual, pode

> se afirmar, equipamento algum substitui a leitura (Mary Rangel 1990, p.09).

Em suma, o instrumento fundamental da aprendizagem utilizada na escola é a linguagem. E é através da linguagem que o educando aprende, transmite e recebe mensagens e atua como um agente no grupo em que vive. Portanto, deve se dar prioridade absoluta ao ato de ler, pois o processo de leitura dinâmica e constante precisa ser ensinado, para garantir que o leitor compreenda os diversos textos que se propõe a ler. O professor nesse contexto assume o papel de facilitador do aprendizado, deixando que as próprias crianças construam o sentido de sua atividade de aluno, incentivando-os a levarem um livro para casa para ser lido juntamente com seus familiares construindo assim uma relação prazerosa com a leitura.

Sua principal ajuda é a que consiste em fazer as crianças viverem num meio estimulante regido por elas, onde tem projetos, onde necessitam da leitura para seu prazer e informação e onde encontram livros e revistas na leitura em sala de aula ou em biblioteca da escola.

O ensino da leitura no processo de alfabetização deve perpassar a decodificação e a memorização. Para que o ensino se efetive é necessário que o aluno aprenda a compreender, entendendo a íntima relação da escrita com a linguagem, sabendo da sua importância para a vida do aluno na sociedade.

A escola tem um importante papel na compreensão da leitura, pois é um lugar onde todos os alunos terão direito ao conhecimento cultural e social necessários para a sua formação cidadã, destacando a linguagem como ponto chave para essa formação e preparação para a vida em sociedade, pois ela está presente em todos os momentos da nossa vida para nos comunicarmos, para conversar utilizamos a linguagem, sendo ela fundamental para a comunicação entre os seres.

Nos dias atuais, com tantos avanços voltados para a tecnologia e para os conhecimentos, pensa-se que os alunos são capazes de construir seu próprio conhecimento, de aprender apenas por meio do contato com o material didático, essa ideia pode ter se dado por conta do fácil acesso aos conteúdos.

3 A ESCOLA E A LEITURA: OLHARES SOBRE A MEDIAÇÃO

O acesso ao aprendizado da leitura apresenta-se como um dos múltiplos desafios da escola e, talvez, como o mais valorizado e exigido pela sociedade. O provimento à leitura é o principal meio de alcance da democracia e do poder individual, pois o domínio da leitura

oportuniza a busca constante de conhecimentos, além disso, é um instrumento de conscientização e transformação das estruturas comunicacionais podendo significar a possibilidade concreta de acesso a informação e a criticidade.

Deste modo, a prática da leitura na escola apresenta-se como um requisito necessário à realidade sociocultural do aluno, mecanismo suficiente para possibilitar a reflexão e para responder às questões que os indivíduos necessitam para se compreender e compreender a realidade e, consequentemente, para fazer emergir uma transformação coletiva.

Nessa perspectiva Soares (1998, p.54) afirma que a escola pode ser entendida:

> Como um dos principais espaços de integração cultural do sujeito. Pois, é no espaço escolar que são estabelecidas várias relações entre indivíduos e sociedade. A maioria das competências dos indivíduos é reconhecida pelo sistema escolar. Contudo, o que os indivíduos devem a escola é, sobretudo um repertório de lugares-comuns, não apenas um discurso e uma linguagem comuns, mas também terrenos de encontro e acordo, problemas e maneiras comuns de abordar tais problemas comuns.

Assim, a escola pode ser entendida como uma instituição sociocultural, organizada e pautada por valores, concepções e expectativas, onde seus membros são vistos como sujeitos históricos, culturais que relacionam suas ideias acordando ou contrapondo-se aos demais. E talvez, devido a estas discordâncias e consensos que a humanidade realiza grandes descobertas e evolui.

Assim sendo, o acesso à leitura na escola ainda se coloca como um meio mais eficaz e fundamental de acesso à informação, já que oferece a possibilidade de escolha e de liberdade face aos caminhos apresentados. Ao ler, o indivíduo constrói os seus próprios significados, elabora suas próprias questões e rejeita, confirma e/ou reelabora as suas próprias respostas.

Partindo disso, Abreu (2001, p.12) argumenta que é necessária uma reflexão no ensino da leitura na escola pois: “É primordial analisar os fatores que impedem a formação de sujeitos leitores para que se possa apresentar caminhos de renovação e qualificação na prática pedagógica relativa à leitura”.

Nesse sentido a prática da leitura na escola passa a ser um instrumento do pensamento reflexivo e só o contato com ela pode favorecer o desenvolvimento de um pensamento abstrato, complexo e de natureza diferenciada daquele permitido pela linguagem escrita. É a leitura que permite a construção de pontos de vista e de uma visão de mundo e a atribuição de sentido a este mundo.

A escola vai à busca desses pontos de vista, verificando-os, questionando-os e investigando os meios de sua elaboração. Só a leitura, entendida como uma atividade social e reflexiva pode propiciar uma relação criativa, crítica e libertadora com a escrita, mostrando-se como um desafio para qualquer processo de democratização e mudança social coletiva.

Nesse sentido Kleiman (1998, p.32) defende que:

> O ensino da leitura na escola deve propiciar ao aluno a variedade de texto, onde o aprendiz possa estar em contato com os mais diversos tipos de textos sociais dos quais precisa e se utiliza no cotidiano, e no qual o único pré-requisito para este aprendizado seja a capacidade de questionar sobre as coisas do mundo.

Para a autora, o *saber-ler* não se confunde com o saber-codificar, pois o acesso ao código por si só não garante o mergulho nas malhas de significado do texto e nem o desenvolvimento da capacidade de ver além do que é visível aos olhos. É neste sentido que a leitura é uma atividade para os olhos e não para os ouvidos, querendo dizer com isto que a leitura não se restringe ao aprendizado da correspondência letra-som, mas que o extrapola.

Um trabalho de leitura e de formação de leitores precisa abordar tipos diversificados de textos, pois o mundo está em mudança constante e é preciso avançar de acordo com a tecnologia. No âmbito escolar percebemos que os alunos cada vez mais se afastam e se desinteressam pela leitura e é aí que se questiona a prática pedagógica, o ensino e o incentivo da leitura em sala de aula e as propostas de ação que podem levar as crianças a se tornarem leitores competentes.

Cabe a escola ser estimuladora de leituras, não podendo ficar omissa com o que acontece com a população menos privilegiada. Precisa ser criativa e ousada para desencadear mudanças eficazes na sociedade.

Aprofundando-se na questão Baccega (2003, p. 81) afirma que:

> Incentivar a variedades de leitura na escola, é promover o debate, é capacitar o aluno a ler criticamente, promovendo o respeito à opinião divergente é aproximar a escola das questões do cotidiano facilitando uma aproximação entre os professores, é tornar o currículo mais dinâmico; ajudando o aluno a se expressar melhor e com maior confiança em si é conscientizar-se para que o aluno escreva melhor, para o aprendizado informal da língua e para que ele conheça melhor o mundo em que vive.

Assim, a variação de estratégias de leitura contribui para o exercício da cidadania e colabora para a construção de um conhecimento mais amplo e multidisciplinar do aluno.

No entanto, a instituição escolar pouco prepara para a atividade de leitura. São raros os exercícios que consideram a faixa etária dos alunos, o ambiente em que vive, o grau de entendimento, assim como a valorização do conhecimento de mundo deles.

É essencial, a escola, através de estratégias inovadoras, sugerir leituras de jornais, de revistas, de fotos de família, enfatizando a importância de se ler imagens, uma vez que esta, além de ser texto, se compõe como uma unidade de significado. Também é fundamental que o professor desenvolva práticas leitoras com textos de diferentes gêneros, priorizando os que circulam socialmente. Variando uma ou mais estratégias de leitura de maneira a atender melhor a uma variedade de objetivos do leitor diante dos diferentes tipos de leitura.

Segundo Solé (1998, p. 52) "ler não é decodificar, mas para ler é preciso saber decodificar". Baseada neste pressuposto, essa autora defende que o ensino do código da leitura na escola deve-se fundamentar em contextos significativos para a criança e não em situações de ensino do código isoladas e descontextualizadas.

Solé (1998, p.53) postula, ainda, "que este ensino deve partir das concepções iniciais que a criança constrói nas situações sociais de leitura, fora da escola, e que lhe permitem pensar, por exemplo, que a escrita diz coisas significativas".

Assim, a leitura é o meio mais importante para aquisição dmate saberes, é um instrumento básico para todo o sistema educativo. Entretanto a atividade pedagógica não pode se limitar a ensinar a ler, é necessário que se leve o aluno a criar o hábito da leitura. Mas o ato deve começar a ser estimulado desde cedo pela família, dando oportunidade para a criança manipular livros infantis e a partir daí familiarizar-se com sua forma e linguagem.

A esse respeito Matencio (2000, p.33) expõe que:

> A leitura deve ser repensada por meio de novas vivências do espaço educativo, das relações entre educadores e alunos, da comunidade local das responsabilidades individuais e coletivas, do apreço ao conhecimento e principalmente das influências do meio familiar.

O acesso à leitura e à escrita é um direito do cidadão e, portanto, exige o comprometimento com um projeto de sociedade que vise à democratização e à justiça social. E a escola não deve assumir sozinho o compromisso com as mudanças que precisam ser efetivadas nesta área, é necessário tanto o desenvolvimento de um projeto econômico como de um projeto de emancipação cultural dentro e fora da escola, que favoreça o contato dos indivíduos com o bem cultural produzido pela humanidade em

todas as áreas do conhecimento. Deste modo, a escola deve propor o acesso às várias leituras, que não apenas a do escrito: a leitura da escultura, da pintura, do movimento, da dança, da fotografia, da música.

Dessa forma, ressalta Rojo (2002, p.15) que o trabalho com a leitura nessa perspectiva tem por objetivo:

> Levar o aluno análise e à compreensão das idéias dos autores e buscar no texto os elementos básicos e os efeitos de sentido. É muito importante que o leitor se envolva se emocione e adquira uma visão de vários materiais portadores de mensagens presentes na comunidade em que vive buscando sempre a democracia.

Investir na formação de leitores é uma tarefa urgente. É preciso apostar que é possível ir muito além da alfabetização e que sujeitos leitores são capazes de olhar reflexivamente a realidade à sua volta, e de fazer a opção de mudá-la de alguma forma.

A escola tem realmente que desenvolver a capacidade de ler nos educandos, isto porque a leitura é absolutamente essencial hoje em dia, para fazer frente a uma sociedade que muda muito rapidamente e que exige muita competência no uso de diversas tecnologias.

Com base nessas análises Kleiman (2002) aponta:

> A escola tem que dar ao aluno a instrumentalização para que ele continue aprendendo autonomamente, no seu ritmo, a partir dos seus interesses, lendo aquilo que precisa. [...] A leitura e a aprendizagem se constituem mutuamente. Por isso que a leitura é essencial - uma vez ensinado esse instrumental para os alunos, eles terão a possibilidade de continuar aprendendo, de acordo com os seus próprios objetivos, interesses, ritmos de aprendizagem.

Nesse sentido, a escola tem por responsabilidade proporcionar aos seus alunos condições para que estes tenham acesso ao conhecimento. Nesse ciclo de criação e recriação do conhecimento, próprio da vida escolar, a leitura ocupa, sem dúvida alguma, um lugar de grande destaque.

Nesse contexto Geraldi (2001, p.34) afirma que a biblioteca escolar é um:

> Espaço dinâmico e integrante da escola, envolvida no processo ensino-aprendizagem, precisa estar equipada de material de boa qualidade para desempenhar sua função de agente educacional, proporcionando aos alunos oportunidades de crescimento e enriquecimento cultural, social, intelectual e momentos de lazer através de livros científicos e de leitura recreativa.

Sabemos que a escola tem um plano a cumprir e dentro dele as atividades de linguagem devem ser realizadas e avaliadas. Ensinar a ler com prazer, a tirar proveito pessoal da leitura esbarra quase sempre na questão do número de alunos na sala para acompanhar e na dificuldade em avaliar objetivamente o aproveitamento, o prazer e a fruição. Mas sem paixão não avançamos, principalmente quando pisamos na seara da literatura. Ensinar as características estruturais dos gêneros, as combinações linguísticas possíveis em um texto, a organização das palavras, a comunicação de ideias não deve matar o prazer, não pode impedir que a leitura faça sentido pessoal e íntimo na vida do aluno.

Com base nesse enfoque Soares (1998, p.46) menciona que a função da escola:

> É ensinar novidades, ampliar o repertório do aluno com exposição de maior diversidade de gêneros textuais. A dosagem e as exigências serão planejadas considerando que a formação do leitor é um processo de amadurecimento. Quanto antes começar, mais sentido fará na vida do aluno-leitor.

No ensino, não basta discutir ou teorizar o valor da leitura. É preciso construir e levar à prática que a leitura venha a ser cada vez mais sedimentada na vida do educando. Ler é um ato libertador. Quanto maior vontade consciente de liberdade, maior terá que ser o índice de leitura.

Em relação a prática de leitura Baccega (2003, p.75) afirma que a escola deve:

> Incentivar a leitura de jornais; estimular outras leituras; ensinar o aluno como é o jornal; promover o debate sobre o papel da imprensa; capacitar o aluno a ler criticamente o jornal; promover o respeito à opinião divergente; aproximar a escola das questões do cotidiano; facilitar uma aproximação entre os professores; tornar o currículo mais dinâmico; ajudar o aluno a se expressar melhor e com maior confiança em si; contribuir para que o aluno escreva melhor; facilitar a criação do jornal escolar; contribuir para o aprendizado informal da língua; contribuir para que o aluno conheça melhor o mundo em que vive; contribuir para o exercício da cidadania e colaborar para a construção de um conhecimento mais amplo e multidisciplinar do aluno.

Assim, é fundamental que os leitores aprendam antes a ler o mundo em que vivem, por meio da construção de suas próprias narrativas. Só assim será possível a construção do conhecimento, a transformação do educando em sujeito de sua própria história. A aquisição do

pensamento crítico é resultado da inserção e percepção direta do aluno como agente mobilizador na sua realidade.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

4.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Neste capítulo dispõe-se acerca das bases metodológicas as quais representam os caminhos percorridos durante a aplicação deste estudo, com vistas a responder ao questionamento elencado no marco introdutório, bem como na apresentação dos resultados que atendam aos objetivos propostos, possibilitando uma compreensão concisa acerca da temática abordada. Para Minayo (2003) a metodologia é o "caminho do pensamento ao qual se deve seguir. Trata-se, essencialmente, do conjunto de técnicas a serem seguidas para construir uma realidade". Esses procedimentos só contribuirão para o sucesso da pesquisa, uma vez que, são as atividades básicas da ciência nesta perspectiva do real e do concreto.

4.1.1 Quanto aos procedimentos

Quando aos procedimentos adotados neste estudo, consiste num levantamento bibliográfico, a partir da leitura e fichamento de textos em livros, revisas, periódicos, artigos e e meios eletrônicos, e uma pesquisa de Campo.

4.1.2 Quanto a Abordagem

O desenvolvimento deste trabalho consistirá na utilização de uma pesquisa de caráter qualitativo. Quanto à abordagem qualitativa, Chizzotti (2001), afirma que este método fundamenta-se em dados corrigidos nas interações interpessoais, na coparticipação das situações dos informantes, analisados a partir da significação que estes dados dão aos seus atos.

Este estudo foi de caráter exploratório uma vez que "explorar é tipicamente a primeira aproximação de um tema e visa criar maior familiaridade em relação a um fato ou fenômeno". (SANTOS, 2015, p.26)

Foram realizados, portanto, estudos teóricos assim como reflexões que focalizam a relação entre a teoria apresentada nesses textos e a prática dos professores no que concerne à temática em questão.

> Após concluir a aplicação dos instrumentos de coleta, é o momento de analisar e discutir os dados coletados. Serão analisados sobre os aspectos qualitativos de acordo com as respostas de cada participante, analisadas a luz da literatura pertinente que possibilitará a estruturação e formalização dos dados obtidos no final das análises.

Pois segundo Gil (2008, p. 177)

> Classicamente, a interpretação dos dados é entendida como um processo que sucede à sua análise. Mas estes dois processos estão intimamente relacionados. Nas pesquisas qualitativas, especialmente, não há como separar os dois processos. Por essa razão é que muitos relatórios de pesquisa não contemplam seções separadas para tratar dos dois processos.

4.2 LOCAL E SUJEITOS DA PESQUISA

Os dados foram coletados em duas instituições de ensino municipal situadas na cidade de Carrapateira-PB.

Na Escola Municipal E. I. F Francoá Galdino Mendes e Alfredo Cavalcante da Silva

Os sujeitos da Pesquisa compreende 5 professoras que lecionam da educação infantil ao ensino fundamental e que se dispuseram a responder a Entrevista.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A presente seção tem como objetivo analisar as vivências docentes em turmas Educação Infantil e Ensino Fundamental a partir de uma abordagem qualitativa, baseada em entrevistas com cinco professoras que atuam na Escola Municipal E. I. F Francoá Galdino Mendes e Alfredo Cavalcante da Silva

A análise considerou tanto os relatos das participantes uma compreensão aprofundada dos desafios, estratégias e percepções que permeiam o trabalho com a Leitura na sala de aula da Educação Infantil e Ensino Fundamental.

Para a interpretação dos dados, utilizou-se a técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2016), que permite identificar, categorizar e sistematizar as unidades de sentido presentes nas falas. A partir dessa abordagem metodológica, foi possível organizar os dados empíricos em quatro categorias principais:

A primeira categoria — **Práticas Pedagógicas para o Ensino de Leitura** — contempla os principais desafios mencionados pelas participantes trabalho com a Leitura, destacando as dificuldades relacionadas à diversidade de níveis de aprendizagem, ao planejamento das aulas e as dificuldades enfrentadas no ensino da Leitura.

Na segunda categoria — **Principais desafios enfrentados para o Ensino de Leitura** — são analisadas as estratégias pedagógicas adotadas pelas professoras participantes da pesquisa, abordando os principais desafios enfrentados na sala de aula com o ensino de leitura.

Na terceira categoria — **Recursos utilizados para o Ensino da Leitura** — apresenta os diferentes tipos de recursos que os leitores utilizam para a leitura com o objetivo de desenvolver estratégias de leitura mais eficazes e direcionadas às necessidades dos leitores.

Por fim, a última categoria- **Avaliação da compreensão leitora dos alunos-** que apresenta a partir do olhar das professoras a percepção da capacidade dos alunos de compreender e interpretar textos escritos, identificando seus pontos fortes e fracos na compreensão leitora.

5.1 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO DE LEITURA

A importância da leitura feita pelos outros reside na contribuição para familiarizar a criança com a estrutura do texto escrito e com sua linguagem, cujas formalidades e

descontextualizações são diferentes na linguagem oral. Na obra de Gaté (2001), temos perspectivas de Foucambert (1976, p. 40), ele acredita que a "leitura trabalha diretamente com o simbólico, é a escolha imediata de uma significação na escrita", Hebrard (1983, p. 73), entende que ler: É perceber diretamente as significações. A aprendizagem inicial de decifração, que procede linearmente, do material gráfico à significação, entra em contradição com um processo eficaz de leitura.

Ler não quer dizer, necessariamente, transformar sinais escritos em sons. A enunciação da leitura pode constituir um acompanhamento motor do desenvolvimento intelectual do aluno, capaz de dar suporte à representação, de encarnar ou até guiar sua busca de sentido, fixar ou estabilizar certas informações na memória.

As declarações das professoras demonstram uma ampla variedade de práticas pedagógicas focadas no ensino da leitura.

A professora 1, relata que no dia a dia da sala de aula trabalha o uso de desenhos, gestos, voz e fantoches, destacando práticas voltadas principalmente para a educação infantil, em que a oralidade, a expressão corporal e a imaginação têm um papel fundamental na mediação da leitura. Já a professora 2 oferece uma ampla variedade de estratégias, que vão desde atividades mais convencionais, como leitura em voz alta e produção de textos coletivos, até abordagens mais dinâmicas, como bingo de palavras, musicalização e utilização do projeto Sacola Viajante. A professora 3 enfatiza essa perspectiva ao citar rodas de leitura, jogos de alfabetização e interpretação de texto, evidenciando que a ludicidade e a interação fazem parte de suas atividades.

A professora 4 apresenta uma visão reflexiva, sugerindo que as práticas são orientadas pelas demandas dos estudantes e enfatizando a relevância de estratégias variadas e eficientes, ajustadas ao perfil de cada classe.

A professora 5 adotou uma abordagem mais analítica, com discussões de textos, análise de personagens e identificação de temas, indicando um trabalho focado na compreensão crítica e aprofundada. Embora essas estratégias variem em complexidade e foco, todas buscam tornar a leitura significativa, prazerosa e acessível.

As respostas dadas pelas professoras mostram uma diversidade de estratégias pedagógicas voltadas para a formação de leitores, incluindo leitura compartilhada, círculos de leitura, encenações, recontos de histórias, leitura em voz alta e brincadeiras com a linguagem. Essas estratégias tornam a leitura mais divertida e relevante para os estudantes, promovendo o desenvolvimento da consciência fonológica e a compreensão de textos. Essas táticas estão em sintonia com os conceitos de Paulo Freire (2011), que defende uma

pedagogia que promove o diálogo e a libertação, na qual a leitura do mundo precede a leitura da palavra.

Elas também se relacionam com a perspectiva de Magda Soares (1998), que considera o ensino da leitura como um meio de letramento, isto é, um processo de integração dos estudantes nas atividades sociais de leitura.

Foucambert (1994) declara que ensinar a ler é oferecer as condições necessárias para que o estudante se torne um leitor capaz de atribuir significados ao texto. Martins (1994) e Bamberger (1991) confirmam que a leitura deve ser uma atividade prazerosa e constante, estimulada por ações que despertem a curiosidade e o interesse dos estudantes.

As práticas citadas evidenciam um ensino da leitura dinâmico, que mescla ludicidade, interação e propósito social, alinhado com as perspectivas de Freire (2011), Soares (1998) e Foucambert (1994) a respeito da criação de leitores críticos e independentes.

As situações didáticas destacadas pelas falas das professoras são adequadas para promover o gosto de ler, e privilegiadas para desenvolver o comportamento do leitor, ou seja, atitudes e procedimentos que os leitores desenvolvem a partir da prática de leitura: formação de critérios para selecionar o material a ser lidas, constituição de padrões de gosto pessoal, rastreamento de leituras necessárias para o desenvolvimento da leitura e da aprendizagem.

Atividades permanentes de leitura são situações didáticas propostas com regularidade e voltadas para a formação de atitude favorável à leitura. Um exemplo desse tipo de atividade é a “Hora de...” (histórias, curiosidades científicas, notícias, etc.). Os alunos escolhem o que desejam ler, levam o material para casa por um tempo e se revezam para fazer a leitura em voz alta, na classe. Dependendo da extensão dos textos e do que demandam em termos de preparo, a atividade pode se realizar semanalmente ou quinzenalmente, por um ou mais alunos a cada vez. Quando for pertinente, pode incluir também uma breve caracterização da obra do autor ou curiosidades sobre uma vida.

Além das atividades de leitura realizadas pelos alunos e coordenadas pelo professor, há os que podem ser realizados basicamente pelo professor. Entre os principais recursos que precisam estar disponíveis na escola para viabilizar a proposta didática da área, estão os textos autênticos.

Da mesma forma, é importante que esses textos, sempre que possível, sejam trazidos para a sala de aula nos seus portadores de origem (ainda que em algumas situações, possam ser agrupados segundo gênero ou tema, por exemplo, para atender a necessidades específicas dos projetos de estudo).

É pela mediação da linguagem que a criança aprende os sentidos atribuídos pela cultura, às coisas, ao mundo e às pessoas. É usando a linguagem que constrói sentidos, sobre a vida, sobre si mesma e sobre a própria linguagem. Essas são as principais razões para, da perspectiva didática, tomar como ponto de partida os usos que o aluno já faz da língua ao chegar à escola, para ensinar-lhe àqueles que ainda não conhece.

Sem dúvida, durante toda a escolaridade, a aprendizagem dos alunos depende muito da intervenção pedagógica do professor. Entretanto, no primeiro ciclo ela assume uma característica específica, pois além de todos os conteúdos escolares a serem aprendidos, há ainda um conjunto de aprendizados decorrentes de uma situação nova para a maioria dos alunos: a convivência no espaço público da escola.

5.2 PRINCIPAIS DESAFIOS ENFRENTADOS PARA O ENSINO DE LEITURA

Desse modo, ler não é apenas transformar os rabiscos em ideias, mas compreender, interpretar e essa interpretação não é única, varia de pessoa para pessoa de acordo com o seu nível social, o seu contexto de vida, entre outros fatores.

É importante salientar que a leitura exige do leitor condições para um bom andamento e melhor compreensão do texto, que vai desde o conhecimento do leitor sobre o assunto tratado, até a capacidade do leitor identificar as ideias mais importantes do texto de acordo com o seu objetivo. A realização do objetivo da escrita é a leitura. Quem escreve, escreve para ser lido.

Dessa forma, a leitura é uma habilidade de valor inestimável SOLÉ (1998, p. 96), considera que “ler por prazer é algo absolutamente pessoal e cada um sabe como obtém”. O tipo de leitura que iremos abordar será a leitura informativa, fazendo com que o leitor compreenda o texto, abstraindo a informação necessária segundo seus próprios interesses, não precisando ligar-se à alguma tipologia, apenas, apontando as pistas que conduzem para uma melhor compreensão, fazendo com que o leitor adquira consciência de que pode utilizar as mesmas chaves que o autor usou para formalizar um significado.

Segundo Bamberger (1991, p.10) “a leitura é um dos meios mais eficazes de desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade. Trabalhar com a linguagem é trabalhar com o homem”.

Acrescenta ainda que a leitura favorece a remoção de barreiras educacionais de que tanto se fala concedendo oportunidades mais justas de educação, principalmente, através da

promoção do desenvolvimento da linguagem e do exercício intelectual, e aumenta a possibilidade de normalização da situação pessoal de um indivíduo.

As falas das professoras mostram que o ensino da leitura enfrenta uma série de desafios, que incluem não apenas questões pedagógicas, mas também fatores ligados ao comportamento e ao contexto dos alunos.

Em geral, as declarações das professoras 1, 3, 4 e 5 concordam ao apontar a diversidade das turmas como um dos principais desafios. Professora 1 destaca o desafio de lidar com os variados ritmos de aprendizagem, ao passo que a professora 4 e 5 expandem essa problemática ao apontar as disparidades nos níveis de habilidades de leitura e a inclusão de alunos com necessidades especiais. Isso demanda do docente uma constante adaptação de estratégias e práticas diferenciadas. Essa variedade destaca a importância de uma educação inclusiva que possa atender às particularidades de cada estudante.

Outro aspecto frequente nas falas é a falta de interesse e atenção dos estudantes enfatiza as professoras 2, 3 e 4. Para as professoras, a falta de interesse pela leitura é um dos principais obstáculos ao processo de alfabetização e letramento. Como apontam as professoras 3 e 4, o desafio muitas vezes não reside apenas na complexidade técnica da leitura, mas na motivação dos alunos. Isso pode estar ligado à falta de práticas de leitura significativas e à desconexão entre os textos abordados em sala de aula e a realidade dos estudantes.

As professoras 3 e 5 também destacam a dificuldade de compreensão e fluência leitora, indicando que ler não se resume apenas a decifrar o código escrito, mas também envolve processos cognitivos complexos de interpretação e construção de sentido. Essa perspectiva dialoga com autores como Freire (2011), que afirma que, a leitura do mundo precede a leitura da palavra, e com Certeau (1994) que vê a leitura como um ato de apropriação, no qual cada leitor transforma o significado do texto, gerando interpretações distintas de acordo com seu contexto

Ademais, a professora 5 cita problemas estruturais, como turmas numerosas e obstáculos na avaliação, o que demonstra que o ambiente escolar também afeta diretamente a qualidade do ensino da leitura. O acompanhamento individual e a identificação das necessidades específicas de cada aluno são dificultados por turmas numerosas.

Enfim, as declarações indicam que o ensino da leitura é um processo complexo, afetado por uma variedade de fatores, como diferenças individuais, desinteresse, desafios cognitivos e limitações estruturais da escola. Para superar esses obstáculos, é fundamental que o educador tenha acesso à formação continuada, empregue estratégias variadas e incentive práticas de leitura relevantes, que possam despertar o prazer e o sentido de ler em seus alunos.

Os educadores apontam como principais desafios as diferenças no ritmo de aprendizado, a falta de interesse dos estudantes, o tamanho das turmas e as dificuldades na compreensão de textos. Esses desafios refletem as considerações de Minayo (2003) e Chizzotti (2001) sobre a complexidade da pesquisa e prática pedagógica, que são moldadas por diversos fatores sociais e culturais que impactam o processo de aprendizagem.

Freire (2011) propõe que o desinteresse pela leitura pode ser vencido se o ensino estiver fundamentado na realidade e nas vivências dos estudantes. Certeau (1994) afirma que o leitor age como "produtor de sentido", o que exige que se considere suas formas particulares de ler e compreender a realidade. Os obstáculos para o ensino da leitura transcendem as questões técnicas, envolvendo aspectos sociais, culturais e emocionais que exigem do professor uma postura investigativa, criativa e de mediação.

Sendo assim Cagliari (1992, p. 102) afirma que a leitura se constitui na atividade fundamental, desenvolvida pela escola para a formação dos alunos, de forma que, se um aluno não se sair bem em outras atividades e for um bom leitor, a escola terá cumprido, em parte, sua tarefa.

Essa declaração ressalta a leitura como um elemento central no processo educacional, enfatizando que a formação do leitor deve ser vista como um dos principais objetivos da escola. Sob uma perspectiva acadêmica, essa afirmação indica que a leitura vai além da simples decodificação de signos linguísticos; trata-se de uma prática social e cognitiva que permite ao indivíduo criar significados, aprimorar o pensamento crítico e interagir ativamente com o conhecimento e com o ambiente em que vive. Nesse contexto, a escola desempenha um papel fundamental ao garantir o acesso a diversos gêneros textuais e práticas de leitura relevantes, contribuindo para o desenvolvimento da autonomia intelectual e da habilidade de interpretar o mundo. Desse modo, ao tornar-se um leitor competente, mesmo que o estudante enfrente desafios em outras áreas, a escola já terá cumprido uma parte significativa de sua missão educacional: capacitar indivíduos a ler, entender e modificar a realidade por meio da linguagem.

5.3 RECURSOS UTILIZADOS PARA O ENSINO DA LEITURA

A análise das falas das professoras mostra que elas usam muitos recursos diferentes para ensinar os alunos a ler. Isso mostra que elas querem tornar o ensino mais interessante e envolvente para os alunos.

Nota-se que todas as professoras reconhecem a relevância de diversificar materiais e estratégias, integrando recursos tradicionais e tecnológicos. As professoras 1, 2 e 3 citam a utilização de livros didáticos e paradidáticos como ferramentas essenciais na estruturação do ensino. No entanto, essas ferramentas são complementadas por jogos pedagógicos, músicas, fichas e cartazes, recursos que incentivam a ludicidade e promovem a aprendizagem ativa.

A fala da professora 1 enfatiza a utilização de recursos lúdicos, como fantoches, parlendas e letras móveis, que favorecem o engajamento afetivo e cognitivo dos estudantes, particularmente nas fases iniciais do processo de alfabetização. Por sua vez, a professora 4 aprofunda essa ideia ao enfatizar a importância de diversificar constantemente os recursos, a fim de criar um ambiente de alfabetização rico e variado. Ela cita tanto recursos tangíveis (como alfabetos ilustrados e jogos) quanto recursos expressivos (como teatro, dramatização e músicas), que incentivam diversas linguagens e modos de expressão.

As professoras 3, 4 e 5 mencionam o uso de vídeos, animações, filmes e redes sociais, evidenciando a presença significativa de recursos tecnológicos. Isso demonstra uma tentativa de integrar o ensino da leitura aos contextos digitais e culturais experimentados pelos estudantes. Essa combinação do analógico com o digital evidencia como as práticas de ensino se adaptaram às novas maneiras de se comunicar e aprender no século XXI.

Por último, a professora 5 ressalta a relevância de estabelecer um ambiente cativante e estimulante, enfatizando a função dos espaços de leitura, como bibliotecas e áreas de leitura, além da utilização de atividades interativas que atraiam o interesse dos alunos.

Enfim, as declarações indicam que o ensino da leitura é mais eficiente quando o educador emprega uma variedade de recursos e estratégias integradas, que incentivam o prazer pela leitura, fomentam a participação ativa e atendem aos diversos estilos e ritmos de aprendizagem dos estudantes. Assim, a variedade de recursos se torna um componente fundamental para o desenvolvimento de uma prática pedagógica que seja significativa, inclusiva e estimulante.

Os professores utilizam diversos recursos, incluindo livros didáticos, fantoches, músicas, jogos pedagógicos, cartazes, fichas de leitura, tecnologia digital e dramatizações. Esses recursos contribuem para que a leitura seja uma atividade mais envolvente e interativa.

Dias (2001) e Pérez & Garcia (2002) destacam que o uso de diversos formatos e linguagens enriquece as possibilidades de aprendizado e incentiva a participação dos estudantes. Chartier (1996) também aponta que a leitura se ajusta conforme os formatos e os contextos culturais nos quais ocorre, seja em livros, telas ou na oralidade.

Além disso, Bamberger (1991) ressalta que a interação com diferentes tipos de materiais estimula a curiosidade e promove o hábito de leitura.

A variedade de recursos abordados evidencia uma abordagem pedagógica que está em sintonia com as concepções contemporâneas sobre leitura, considerando o leitor como um agente ativo e a leitura como uma atividade social e multimodal (Chartier, 1996; Soares, 1998).

5.4 AVALIAÇÃO DA COMPREENSÃO LEITORA DOS ALUNOS.

A análise das declarações das professoras demonstra uma visão abrangente e variada do processo de avaliação da compreensão leitora, que vai além da mera verificação da decodificação de palavras.

A professora 1 enfatiza a relevância de atividades lúdicas e expressivas, como diálogos, reconto oral e representações por meio de desenhos, que possibilitam uma observação significativa da compreensão, valorizando a interpretação individual dos estudantes e a utilização da linguagem oral e visual.

A professora 2 enriquece essa visão ao abordar a utilização de questionamentos, observação e exploração da leitura de maneira integrada às expressões oral, escrita e individual. Essa metodologia propõe uma avaliação constante e colaborativa, focada na interação entre o estudante e o texto.

A professora 3 prioriza ferramentas mais formais, como questionamentos, tarefas escritas e debates, evidenciando um interesse em confirmar a compreensão por meio de provas concretas de leitura e escrita, sem deixar de lado o diálogo e a reflexão sobre o texto.

Por último, a professora 5 destaca a relevância de um acompanhamento constante e personalizado, enfatizando que a avaliação deve ser processual, diagnóstica e formativa. Isso possibilita a identificação de progressos e obstáculos para ajustar as práticas pedagógicas.

Em geral, as declarações sugerem que as professoras veem a avaliação da leitura como um processo completo, que leva em conta diversas formas de expressão e reconhece o aluno como um participante ativo na construção de sentido. Essa variedade de abordagens que vai do reconto ao questionamento, da observação à análise interpretativa favorece uma avaliação mais equitativa, dinâmica e relevante no processo de ensino e aprendizagem da leitura.

Os docentes afirmam que avaliam a leitura por meio da observação, narrações orais, diálogos, produções escritas, expressões artísticas e questionamentos. Essa modalidade de

avaliação é contínua e qualitativa, com ênfase no desenvolvimento da fluência, interpretação e competências de expressão dos estudantes.

Cagliari (1992) sustenta que a leitura vai além da simples decodificação, englobando um processo de interpretação e construção de significado. Foucambert (1994) e Chartier (1996) defendem que compreender um texto implica interagir com ele, interpretá-lo e situá-lo em seu contexto de criação. Gil (2008) e Santos (2015) destacam que a avaliação deve ser diagnóstica e contínua, considerando o progresso individual do aluno e o contexto de aprendizagem.

A avaliação apresentada pelos educadores está em consonância com a concepção de leitura como uma atividade relevante e interpretativa, focando no desenvolvimento do estudante em vez do acerto formal, segundo Cagliari (1992) e Foucambert (1994).

Nessa perspectiva, a compreensão leitora é uma habilidade fundamental ela envolve a capacidade de entender, interpretar e analisar textos escritos. A avaliação da compreensão leitora dos alunos é essencial para identificar suas forças e fraquezas, permitindo que os professores, ao avaliar a compreensão leitora dos alunos de forma eficaz, possam ajudar a melhorar o desempenho acadêmico e a desenvolver habilidades essenciais para o sucesso futuro e adaptem suas práticas pedagógicas para atender às necessidades específicas de cada aluno.

Segundo Pérez Gómez (2000), a escola é um local destinado ao aprendizado, em que a pluralidade cultural orienta a criação de significados trocados entre o educando e o educador. O autor enfatiza a relevância da diversidade cultural no ambiente escolar, reconhecendo que cada aluno traz conhecimentos, vivências e valores que enriquecem o processo de ensino-aprendizagem. Assim, o aprendizado se dá por meio da interação e da troca de significados entre aluno e professor, em um processo de diálogo contínuo. Nesse contexto, o aluno deixa de ser apenas um receptor de informações e passa a ser um sujeito ativo, capaz de refletir, questionar e compartilhar suas próprias experiências para a construção coletiva do conhecimento.

Seguindo essa visão, a escola é um ambiente onde o estudante pode compartilhar sua cultura, suas ideias e suas vivências, reconhecendo que sua perspectiva de mundo também é importante no processo de ensino-aprendizagem.

A pluralidade cultural mencionada por Pérez Gómez (2000) evidencia que os alunos são diferentes entre si, cada um carrega sua história, seu estilo de aprendizagem e suas referências sociais. Essa variedade enriquece as interações em sala de aula, pois possibilita que o aluno aprenda tanto com o docente quanto com os colegas, assimilando diferentes perspectivas e aprimorando sua habilidade crítica. Dessa forma, o estudante começa a enxergar-se como

integrante de uma comunidade de aprendizagem, na qual o saber é desenvolvido de forma colaborativa e o diálogo é essencial.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo em tela nos fez entender que a leitura não é apenas memorização ou decodificação dos signos linguísticos, mas é, principalmente, compreensão e interpretação de tudo aquilo que nos cerca. É relevante destacar que esta visão de leitura como algo abrangente, nesta pesquisa, parte de concepções sobre ela, em que os autores abordam que a leitura pode ser considerada como uma atividade fundamental em qualquer nível de desenvolvimento educacional que o sujeito se encontre.

A partir do questionamento que norteou o estudo teórico — quais as práticas e desafios enfrentados pelos professores no ensino de leitura na escola — observamos que a leitura é um meio eficaz de contribuir efetivamente com a formação docente. A pesquisa de campo possibilitou apresentar e discutir o processo de desenvolvimento da Leitura, apresentando a importância tanto para adquirir novos saberes, quanto para ampliar outros, aumentar o vocabulário, criar novas perspectivas de vida e de trabalho.

A leitura é imprescindível em todos os aspectos porque ela é uma ferramenta eficiente que o aluno poderá utilizar para apropriar-se da realidade em que vive. Portanto, para o aluno, o ato de ler é um passo fundamental para o sucesso diante das demandas educacionais contemporâneas, auxiliando-o a entender, contextualizar e ressignificar toda a sua vida em sociedade.

Pode-se observar a partir do trabalho, a importância da leitura para o desenvolvimento integral do aluno. Para tanto, cabe aos educadores refletir e repensar suas práticas, para contribuir com o desenvolvimento das habilidades dos educandos para a prática da leitura. Cabe oferecer a maior diversidade possível de textos: quadrinhos, revistas, jornais, anúncios, bilhetes, cartas, rótulos, bulas, cartazes, avisos, classificados, poemas, contos, charges, etc. Como isso estará facilitando o acesso desse aluno ao mundo da leitura,

Portanto, devemos formar indivíduos cada vez mais engajados com o seu papel como sujeito social, o qual em seu espaço possa ser construtor dos campos morais e éticos, de circulação das ideologias proporcionando as mesmas possibilidades para o exercício da compreensão. Assim, capacitando-os a utilizar-se da palavra de outro não de maneira autoritária, mas de maneira internamente persuasiva para dele uso em exercício de revisão e construção nos contextos educacionais e sociais.

É importante considerar a necessidade de capacitação contínua dos profissionais da educação, para que se mantenham atualizados, para que vivenciem e troquem experiências, para

que descubram novas alternativas, novos saberes que venham repercutir diretamente no fazer pedagógico. O grande desafio a enfrentar é encontrar caminhos, é ousar, criar, fazer diferente para atender aos anseios e as necessidades da clientela que hoje no mundo globalizado em que vivemos necessite de buscas de novas informações e dos meios mais eficazes para a efetivação da leitura na sociedade.

Assim, é fundamental proporcionar aos educadores reflexões sobre a leitura oportunizando momentos de leitura, repensando sobre, em especial da visão de ambiente favorável, ou seja, um lugar agradável, que estimule a viajar por entre estórias, a mantê-los informados, atualizados e o mais importante da necessidade de ter em sua comunidade o acesso a livros, jornais, revistas, enfim, ter assegurado o direito de ser um leitor crítico e atuante na sociedade.

Assim, cabe aos educadores refletir e repensar suas práticas, de forma a contribuir para o desenvolvimento das habilidades dos educandos para a prática da leitura e da escrita. A experiência obtida, enquanto aluna do curso de pedagogia, durante os estágios e a vida acadêmica, se tornaram princípios, que me ajudarão a seguir na carreira de forma competente e responsável, princípios estes que me fazem acreditar que a educação é a única maneira de mediar o educando com a aprendizagem, por meio de ensinamentos significativos, e valores que foram e serão construídos com determinação e criticidade.

Cabe ao mesmo oferecer a maior diversidade possível de textos: quadrinhos, revistas, jornais, anúncios, bilhetes, cartas, rótulos, bulas, cartazes, avisos, classificados, poemas, contos, charges, etc. Como isso estará facilitando o acesso desse aluno ao mundo da leitura, o habito da leitura dispensa a sistematização do ensino de regras gramaticais e faz o aluno depreendê-las do contexto de maneira mais agradável.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. Diferença e desigualdade: preconceitos em leitura. In: MARINHO, M. (Org.). **Ler e navegar**: espaços e percursos da leitura. Campinas, SP: Mercado de Letras/Associação de Leitura do Brasil (ALB), 2001.

BACCEGA, M.A. **Televisão e escola:** uma mediação possível? São Paulo: SENAC, 2003.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura.** Tradução de Octavio Mendes Cajado. 5. ed. São Paulo: Ática, 1991.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Língua Portuguesa – Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e linguística.** São Paulo: Ática, 1992.

CARVALHO, Marlene. **Guia Prático do Alfabetizador**. São Paulo: Ática, 1998

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. v. 1.: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARMEUX, Eveline. **Aprender a ler**: vencendo o fracasso. São Paulo: Cortez, 1994.

CHARTIER, Roger. A leitura: uma prática cultural: debate entre Pierre Bourdieu e CHARTIER, Roger. In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Tradução: Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas. 1995.

FREIRE, Paulo. **A Importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 2011.

GATÉ, Jean-Pierre. **Educar para o sentido da escrita**. Bauru: Edusc, 2001.

GERALDI, J. W. Prática de leitura na escola. In: GERALDI, João Wanderlei (org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo/SP: Editora Ática, 2001.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GÓMEZ, A. I. P. A aprendizagem escolar: da didática operatória à reconstrução da cultura na sala de aula. In: SACRISTÁN, J. G.; PÉREZ GÓMEZ, A. I. **Compreender e transformar o ensino**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

KLEIMAN, Ângela B. **Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola**: Uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura**: teoria e prática. 6. ed. Campinas, SP: Pontes, 1998.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1997.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?** São Paulo: Brasiliense, 2006

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles**. Leitura produção de textos e a escola**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2000.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2003.

O JORNAL E A ESCOLA. Associação Brasileira de Leitura, [s.d.]. Disponível em: https://alb.org.br/arquivo-morto/anais-jornal/jornal1/MesasRedondas/AngeaKleiman.htm. Acesso em: 05 dez. 2025.

RANGEL, Mary. **Dinâmica de leitura para a sala de aula**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1990.

REBELO, José António Silva. **Dificuldades da leitura e da escrita em alunos do ensino básico.** Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1993.

ROJO, R. **A Prática de Linguagem em Sala de Aula**. São Paulo; EDUC, 2002.

SANTOS, Antonio Raimundo dos. **Metodologia cientifica:** a construção do conhecimento. 8. ed. Rio de Janeiro: lamparina, 2015.

SOARES, Magda. **Letramento:** um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Trad. Cláudia Schilling. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

TEBEROSKY, A; TOLCHINSKY, Liliana. **Além da alfabetização**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.

APÊNDICE I – INSTRUMENTO DE COLETA DE INFORMAÇÕES

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA PROFESSORES

O ENSINO DE LEITURA NA ESCOLA

Objetivo: Investigar as práticas e desafios enfrentados pelos professores no ensino de leitura na escola.

1. Dados de Identificação:

Idade 51 anos

Formação Acadêmica: Pedagogia

Tempo de atuação do profissional: 20 anos

2. Entrevista

1. Qual é o seu nível de experiência no ensino de leitura?

2. Quais são as principais estratégias e métodos que você utiliza para ensinar leitura em sala de aula?

3. Como você adapta suas práticas para atender às necessidades individuais dos alunos?

4. Quais são os principais desafios que você enfrenta ao ensinar leitura em sala de aula?

5. Como você lida com alunos que têm dificuldades de leitura?

6. Quais são os recursos que você utiliza para ensinar leitura (livros, tecnologia, etc.)?

7. Como você avalia a eficácia desses recursos?

8. Como você avalia a compreensão leitora dos seus alunos?

9. Quais são os critérios que você utiliza para avaliar a leitura dos alunos?

10. Como você se mantém atualizado sobre as melhores práticas de ensino de leitura?